

OS RELACIONAMENTOS FEMININOS E AS NOVAS FORMAS DE INTERAÇÃO SOCIAL DIGITALIZADA

THE FEMALE RELATIONSHIPS AND NEW FORMS OF DIGITALIZED SOCIAL INTERACTION

Resumo

O relacionamento é um dos campos da vida que mais passa por transformações e a nossa vida é diariamente feita de vitórias e derrotas, alegrias e sofrimentos, por menores e passageiros que sejam. A fatalidade incessante de sermos “escolhidos” ou não, torna cada vez mais difícil nossos relacionamentos. Nossa “sede” de sermos amados, aceitos e reconhecidos faz com que nos tornemos inseguros emocionalmente, desfazendo muitas vezes, casamentos e relacionamentos, outrora duradouros, procurando novas formas de nos relacionarmos. Embora se saiba que, nos dias atuais, em grande parte dos lares brasileiros, as mulheres não estão mais sob a tutela do homem, percebe-se, ainda, que a insegurança é um aspecto a ser considerado no horizonte feminino, especialmente entre mulheres acima dos quarenta anos.

Palavras-chave: Interações. Relacionamentos. Insegurança. Mulheres. Internet.

Abstract

Relationship is one of the areas of life that most undergoes transformation; our daily life is made up of victories and defeats, joys and sorrows, however small and fleeting they may be. The incessant fatality of being chosen or not, makes relationship more and more difficult. Our “thirst” for being loved, accepted, and acknowledged, makes us emotionally insecure, often undoing once lasting marriages and relationships, while looking for new relationship forms. Although it is now known that in most Brazilian homes, women are no longer under male tutelage, insecurity still is an aspect of the female horizon, especially among women over forty years old.

Keywords: Interactions. Relationships. Insecurity. Women. Internet.

Leci Maria Soriano Bobsin Corrêa

Docente das Faculdades Integradas São Judas Tadeu, Porto Alegre .

E-mail: lecisbc@gmail.com

Luiz Eduardo da Silva Amaro

Docente e coordenador do curso de Administração das Faculdades Integradas São Judas Tadeu, Porto Alegre.

E-mail: eduardo.amaro@uol.com.br

Introdução

Cada ser humano torna explícito o seu comportamento através de uma série de canais de comunicação que são afetados tanto por fatores históricos quanto culturais e psíquicos. Utilizamos esses canais de comunicação para nos identificar e para interagirmos com outros, seja trocando informações, seja trocando afeto.

Assim como selecionamos canais de televisão e rádio, aprendemos a selecionar os sinais que se ajustam às pessoas com quem estamos interagindo. O corpo, como canal de comunicação, por exemplo, é usado por meio de gestos, roupas e olhares, seja para fazer novos amigos, seja para conquistar novos amores. Goffman (2009), em *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*, descreve e analisa as interações face a face, isto é, “a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata” (op. cit.: 24). O autor afirma que, durante uma interação, lançamos mão de uma série de atividades, de forma a convencer as outras pessoas a respeito dos fatos que estamos tentando transmitir. A essas atividades perante terceiros, Goffman (2009) dá o nome de “desempenho” (op. cit.).

Com o advento da *Internet*, as interações virtuais ganharam tanta importância quanto aquelas face a face. Através das virtuais e a partir do desenvolvimento da tecnologia da informação ocorrido na última década do século XX, as pessoas puderam se conhecer virtualmente, iniciar amizades, mostrar-se através de fotos e vídeos, marcar encontros físicos (interações face a face) ou, até mesmo, assumir papéis diferentes daqueles do mundo real, experimentando novas identidades.

As experiências identitárias parecem estar em alta, no rastro do que Hall (2005) chama de “crise de identidade” (op. cit.: 7). Tal crise faz com que as pessoas tenham dificuldades para formar uma ideia de si mesmas, dada a velocidade das mudanças econômico-sociais, dificuldade ainda maior para

terceiros ou, como diria Goffman (2009), para a “platéia” (op. cit.: 24). É por isso que muitas pessoas – entre elas, mulheres de grandes centros urbanos na faixa dos quarenta aos cinquenta anos – preferem o ambiente protegido da *Internet*, a partir de salas de bate-papo ou de cadastros em *sites* de relacionamento, como forma de iniciarem novos relacionamentos.

O presente artigo faz uma análise exploratória dos relacionamentos de outrora, em comparação com os de hoje, a partir do advento da *Internet*, enfatizando o comportamento do gênero feminino, em especial daquelas brasileiras da classe média, com idade entre quarenta e cinquenta anos.

As mudanças nos relacionamentos de outrora

O ser humano sempre se utilizou de sinais como forma de comunicação. Segundo Azevedo (1986), até o século XIX, aquele que tentasse captar a atenção de sua pretensa namorada, fazia-o a distância, a partir de uma variada simbologia. Eram códigos, gestos e olhares transmitidos de um lado para outro.

Em um passado bem mais recuado, o candidato, uma vez que havia captado a atenção da pretendida, passava a exibir uma variedade de sinais, por meio dos quais se comunicava a distância com aquela: flores à lapela do paletó, lenço disposto de maneira convencional no bolso peitoral, movimentos com a bengala, enquanto à parceira cabia responder com flores e cores diferentes no vestido, com determinados modos de exibir o leque e o lenço, de acordo com um código que os almanaques e os manuais de etiqueta divulgavam (Azevedo, 1986: 16).

É interessante notar que alguns desses elementos são até hoje usados pelas mulheres, comprovando que a moda, em certo sentido, retorna através dos objetos, adornos e vestimentas, fazendo uma viagem de ida e volta no tempo. Outro hábito utilizado em épocas passadas pelos candidatos a namorado era o passeio das moças pelas ruas da cidade, em especial

nas praças, diante dos olhares dos moços.

Ainda hoje persiste, particularmente nas pequenas cidades, o hábito desse passeio das moças diante dos grupos de rapazes que estacionam à beira das calçadas ou no meio das ruas, nos domingos após a missa, à noite durante as retretas das filarmônicas para “tirar uma linha” e encetar um namoro sério (Azevedo, 1986: 16).

A partir do final do século XIX, o namoro passa por uma mudança facilitada pela inserção dos meios de transporte, promovendo novas possibilidades para os encontros dos casais. Hoje, os relacionamentos diferenciam-se ainda mais do passado, no que diz respeito a sua funcionalidade: antigamente as relações afetivas tinham início, meio e fim, e duas pessoas casavam para ter filhos e constituir uma família dentro da sociedade. Iniciavam com o namoro, continuavam pelo noivado e finalizavam com o casamento.

Com o passar dos anos, a instituição “casamento” recebeu a companhia do “morar junto”. O namoro passou a ser trocado pela paquera e, nos últimos vinte anos, pelo “ficar”, um envolvimento essencialmente urbano, momentâneo e passageiro, caracterizado apenas por contatos corporais e trocas de carícias, não tendo, em princípio, nenhuma declaração de sentimentos ou necessidade de identificação entre os envolvidos, nem, tampouco, compromisso de continuidade. É um relacionamento sem nenhum compromisso sério ou perspectiva de seguir adiante (Schuch, 1998).

Durante muitos anos, o casamento foi controlado por três agentes sociais: a família, o Estado e a religião, entrando estes em conflito, muitas vezes, na disputa pelo controle das regras do matrimônio. Com o decorrer dos anos, a importância dada a esses três agentes passou a ser substituída pelos conflitos de ordem interna, pessoal, saindo da influência do Estado ou da religião. O psicanalista francês Smadja (2011) cita, em recente entrevista, que “(...) numa cidade grande do Ocidente, é comum pessoas se

escolherem livremente, cada vez mais indiferentes à influência que os três poderes [família, Estado e a religião] exerciam [mas não exercem mais]” (Smadja, 2011: 07).

As mudanças ocorridas com os relacionamentos passados também se refletiram nas mulheres, que, em tempos de outrora, submetiam-se a controles rígidos dos maridos e, com o decorrer dos anos, passaram de coadjuvantes a protagonistas da história, fazendo parte de um contexto sociocultural até então não vivido por elas. Se antes não podiam ter voz ativa, hoje não só fazem parte do espaço público, como também têm acesso a todos os meios de comunicação, podendo escolher como irão iniciar e manter seus relacionamentos.

Porém, vale ressaltar que, mesmo com a grande conquista do espaço social pelas mulheres, a solidão continua sendo presença no horizonte feminino. Nos tempos antigos, a iniciativa do namoro sempre obedecia a um padrão: os olhares partiam dos homens, ficando para as mulheres o papel passivo de esperar, como forma de valorização perante a sociedade e os homens. “Via de regra os olhares provocativos partem dos moços e são o preâmbulo de palavras amáveis, de ditos chistosos, de pés-de-conversa, com os quais se firma o relacionamento” (Azevedo, 1986: 18). É fato que, nos dias de hoje, devido ao papel ativo exercido igualmente pela mulher, tal regra não predomina, mas também não desapareceu.

Os relacionamentos femininos e as novas formas de interação social digitalizada

A condição de mulheres urbanas não compromete a possibilidade de novos relacionamentos, mas tende a torná-los mais complexos (Costa, 2005). Ou seja, devido ao tamanho, densidade e heterogeneidade dos centros urbanos brasileiros, o conceito de “comunidade” (Costa, 2005: 237), segundo o qual os relacionamentos seriam garantidos por parentes e vizinhos próximos, foi substituído pelo conceito

de “redes sociais” (op. cit.: 239). Nessas redes, a capacidade de interação - seja com parentes, amigos (fisicamente próximos ou distantes), colegas de trabalho ou pretendentes - é posta à prova, já que os indivíduos deverão ter condições (tempo disponível, domínio das tecnologias e resistência psicológica) de construí-las.

No caso das mulheres, em especial as de classe média entre os quarenta e os cinquenta anos, a questão dos relacionamentos torna-se ainda mais complexa: os primeiros sinais de solidão costumam chegar por volta dos quarenta anos, a partir do desaparecimento gradual das identidades de mãe e esposa. No que tange aos compromissos matrimoniais, nesse período cresce o número de separações e divórcios, com as faculdades de sedução da mulher sendo percebidas, por esta, como diminuídas. Aquelas que não chegaram a se casar nessa idade tendem a entrar em conflito consigo mesmas. Aquelas que casaram e se separaram, carregam o estigma dessa condição, podendo ainda se sentir discriminadas perante os homens e a sociedade.

A partir daí, e com o advento da *Internet*, muitas mulheres optam por experimentar outras possibilidades de relacionamento - as virtuais -, com o objetivo de interagir, fazer novas amizades e, quem sabe, conseguir um parceiro, sem correr o risco de ser

rotuladas a partir da idade ou do estado civil, já que, ao fazer isso via *Internet*, lidam com uma tecnologia mais segura, em termos de discrição, pelo menos em um primeiro momento.

Segundo os dados do IBGE disponibilizados em recente reportagem da revista *Veja* (*Veja* on-line, 2010), as mulheres sozinhas (solteiras, separadas e viúvas), além da idade, deparam-se com outra dificuldade: a desvantagem numérica, coisa que já acontece há quatro décadas. De acordo com o censo de 2010, são 3,9 milhões de mulheres a mais do que homens nessa condição.

A partir dos 35 anos, a taxa de solidão feminina aumenta e a do homem diminui, sendo que, a cada cinco anos, a diferença entre as taxas cresce, em média, cinco pontos percentuais. Além disso, na faixa dos cinquenta anos, o número de mulheres que vivem só é duas vezes maior que o dos homens; na faixa dos sessenta, essa proporção triplica.

A figura 1 traz uma evolução desses números, que podem ser resumidos no seguinte: quanto mais a mulher envelhece, menos chance tem de encontrar um parceiro.

Por volta dos trinta anos, quando a solidão feminina ultrapassa a masculina, a população de mulheres é 4% maior que a dos homens e, aos sessenta anos, essa diferença sobe para 13%. Tal tendência explica-se,

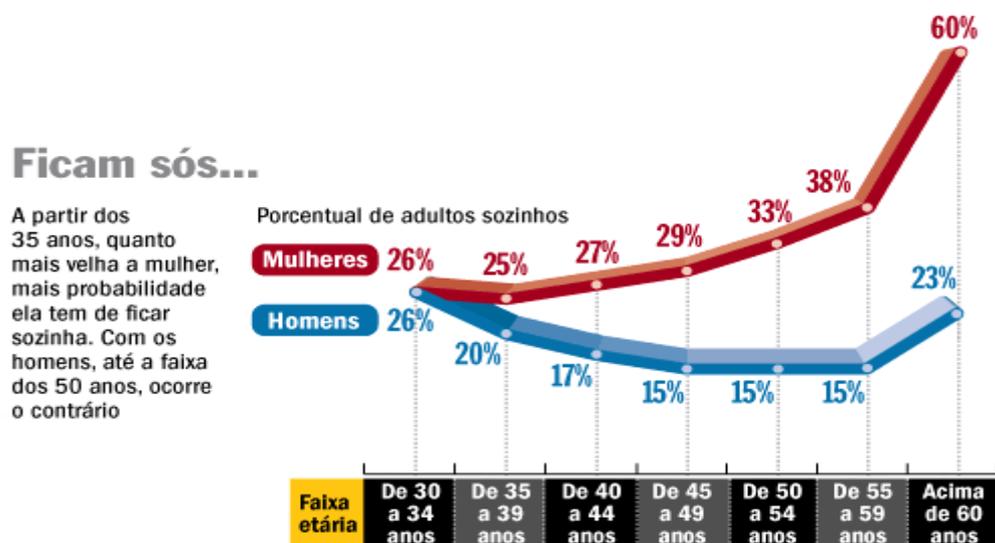


Figura 1 - Percentual de adultos sozinhos

Fonte: *Veja* On-line (2010)

primeiro, pelo fato de a mulher viver, em média, oito anos mais que os homens e, segundo, pelo fato de homens na idade madura procurarem por mulheres mais jovens para companheiras. Homens na faixa etária dos sessenta, por exemplo, casam-se com mulheres, em média, 14 anos mais jovens (Veja on-line, 2010).

Enquanto eles priorizam juventude na procura de uma companheira, elas buscam parceiros inteligentes e bem sucedidos profissionalmente. Como o grau de exigência delas é maior, principalmente entre aquelas com boa situação financeira, as opções se reduzem. Em decorrência disso, são as mulheres sozinhas, aquelas que possuem melhor situação socioeconômica (maior escolaridade, melhores empregos e maiores salários), raramente se sujeitam a relacionamentos em que o parceiro esteja financeira ou profissionalmente abaixo delas.

Esses dados vêm ao encontro do que Corrêa (2010), na sua dissertação de mestrado intitulada *É namoro ou amizade? Estudo etnográfico sobre sites de namoro na Internet*, conclui: mulheres na faixa etária dos quarenta aos cinquenta anos estabilizadas financeira e profissionalmente não se sujeitam a relacionamentos com homens que estejam em situação inferior. Muitas recorrem ao ambiente virtual para tentar encontrar um pretendente à altura. Enfrentam, porém, o “peso” da idade, já que muitos homens nessa mesma faixa etária buscam se relacionar com mulheres mais jovens, como constatado pela reportagem da revista *Veja* (Veja on-line, 2010).

A idade parece ter sido sempre um desafio a ser vencido pelo sexo feminino e o fato de uma mulher não casar pode ser visto, depois de uma certa idade, como um fracasso social.

As mulheres, no passado como no presente - diz uma socióloga -, são persuadidas de que não casar é um insucesso. Daí a distinção, na língua inglesa, entre *spinster* - a rejeitada para o casamento, a nossa solteirona - e *bachelor girl* - a solteira, que ainda não foi escolhida, mas é casável, *marriageable*. As primeiras

seriam conhecidas como formais, deselegantes e retraídas (Schurmer, 1972 apud Azevedo, 1986: 51).

Mesmo na década de 1980, Azevedo (1986: 51) constata: “é ambígua e por vezes ingrata, em muitas culturas, a posição da solteirona e da mulher de meia-idade, ainda que casada”. Em contrapartida, as relações afetivas contemporâneas, pelo menos nos países que seguem o estilo de vida ocidental, não estão mais ancoradas em tradicionalismos indissolúveis. O casamento não é mais a única – menos ainda a indissolúvel – forma de institucionalizar relacionamentos. Atualmente, há diversos modelos de união que outrora não existiam.

Para Bauman (2004), a sociedade faz parte de um líquido mundo moderno, tendo, os relacionamentos, a facilidade de iniciarem e terminarem com maior rapidez do que antigamente. Para esse sociólogo, nas relações afetivas, “sempre se pode apertar a tecla de deletar” (Bauman, 2004: 13), ou seja, “é fácil entrar e sair dos ‘relacionamentos virtuais’” (op. cit.: 12-13), o que torna as relações - não só as virtuais, mas também as presenciais - frágeis e instáveis, prevalecendo a ideologia do individualismo e gerando numerosos conflitos individuais e familiares.

Nicolaci-da-Costa (2005), numa crítica contundente às colocações de Bauman (2004) – especialmente a sua insistência em comparar os relacionamentos contemporâneos, alegadamente frágeis, aos relacionamentos de outrora, supostamente sólidos -, além de afirmar que os relacionamentos virtuais são um complemento para os reais e não seus substitutos, argumenta que os espaços virtuais são análogos aos espaços físicos, desenrolando-se, em ambos, “o drama sempre real dos relacionamentos pessoais” (Nicolaci-da-Costa, 2005: 54). Ou seja, num e noutro tipo de relacionamento, há drama e, se há drama, há conflitos.

No caso das mulheres entre os quarenta e os cinquenta anos, alguns desses conflitos resultam de uma pretensa falta de opção ou, até mesmo, da

insegurança gerada pela dúvida em conseguir um companheiro à altura. Nos ambientes virtuais, por exemplo, muitas mulheres mostram seus corpos e rostos em fotos, como forma de chamar a atenção, expondo suas melhores aparências com a ajuda de roupas, acessórios e truques de maquiagem. Também se valem de palavras e expressões tanto em *nicks* quanto em perfis construídos no momento da inscrição em *sites* de relacionamentos.

Com o avanço da idade, mulheres na faixa etária analisada podem se sentir sem condições físicas ou emocionais para batalhar por novos relacionamentos, refletindo o medo de serem trocadas por outras, com idade mais jovem. O conceito de ser trocada surgiu com frequência nas pesquisas de Goldemberg (2007), nas quais as mulheres mencionaram estar ficando comum para os homens “trocar uma [mulher] de quarenta por duas de vinte” (op. cit.: 198), podendo estas se utilizar dos artifícios disponibilizados no mercado da beleza, incluindo cirurgias plásticas.

A plástica é uma evolução tecnológica que ajuda as mulheres a reduzir a diferença de idade, protegendo-as de serem “trocadas”, mas que também lhes permite se tornarem mais competitivas entre si. Por um lado, nivela as diferenças injustas criadas pela diferença de idade; por outro, aumenta a competição, tornando mulheres mais velhas “tão boas” quanto as mais jovens (Goldemberg, 2007: 199).

A beleza física e a aparência sempre foram muito valorizadas na ensolarada e tropical *terra brasilis*, mas nunca foram tão apreciadas e cultuadas quanto hoje, sendo a realização dos indivíduos transferida para a idealização física de corpos perfeitos, na chamada “metamorfose corporal” (Goldemberg, 2007: 67), com o corpo participando de uma reconstrução contemporânea que multiplica as possibilidades de laços sociais, especialmente com o sexo oposto.

Mesmo recorrendo a todo artifício cosmético, o universo feminino pode procurar formas convencionais de se relacionar com o masculino –

através de interações face a face - ou pode buscar novas formas de relacionamento, exteriorizando seus sentimentos e emoções através da ferramenta tecnológica que predominou ao longo da primeira década do século XXI: a *Internet*.

Conclusão

No ambiente físico, ou seja, nas interações face a face, as relações amorosas são moldadas por um jogo de sensualidade e troca de olhares. Na *Internet*, essa cultura corporal se revela virtualmente, a partir de palavras digitadas e, principalmente, das melhores e mais sensuais fotos mostradas aos futuros pretendentes. Ou seja, os laços sociais dependem, cada vez mais, do olhar do outro em resposta a sinais e símbolos.

Na tentativa de se fazerem mais atraentes, as mulheres podem, ainda, por meio da informática, *photoshop*¹ suas fotos, opção hoje muito utilizada para retocar, modificar e melhorar a aparência, fazendo deste mais novo artifício digital um aliado na tentativa de ser escolhida por um pretendente.

Alguns estudiosos das novas formas de relacionamento pela *Internet*, ao tentar explicar as respostas para o crescimento acelerado do namoro através desse canal de comunicação, referem-se ao fato de o ser humano se sentir, cada vez mais, tímido e carente. Com medo de ficar só, busca companhia na mais atual e moderna tecnologia à disposição das relações sociais que, apesar de ser impessoal e até considerada fria, por se tratar de interações através de uma máquina, preenche o vazio emocional de muita gente.

No caso das mulheres entre os quarenta e os cinquenta anos, pelo fato de o contato via *Internet* ser virtual e não presencial, preservando suas identidades (pelo menos, em um primeiro momento), é de se esperar que, em *sites* de relacionamento, elas

¹ Neologismo empregado por usuários do *software* de tratamento de imagens *Photoshop*.

se sintam mais à vontade para expor intimidades e privacidades que, em interações face a face, talvez não tivessem a coragem de fazê-lo.

Assim, a *Internet* cumpre a função fundamental de aproximar pessoas em um mundo cada vez mais interligado, mas potencialmente mais solitário. Se, por um lado, as pessoas se sentem mais seguras nos relacionamentos virtuais, por outro essa nova “onda” interativa do namoro “teclado” também pode ser considerada vulnerável, pelo fato de não haver um contato físico que facilite aspectos de denúncia sobre o outro. Ou seja, as chances de se perder a noção da realidade e de se deixar levar ao sabor das carências

são maiores sem o contato físico, justificando o aumento de violências cometidas, premeditadamente, por psicopatas eletrônicos.

Mesmo com essas potenciais inseguranças dos relacionamentos virtuais, não há como negar que a *Internet* preencheu e transformou o cenário social da vida humana por meio de uma revolução concentrada nas tecnologias da informação. A teia social digitalizada, mais do que uma tendência, é um divisor de águas em todas as esferas da atividade humana, inclusive nas relações afetivas do universo feminino.

Referências

- AZEVEDO, Thales. (1986). *As regras do namoro à antiga*. São Paulo: Ática.
- BAUMAN, Zygmunt. (2004). *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- CORRÊA, Leci Maria Soriano Bobsin. (2010). *É namoro ou amizade? Estudo etnográfico sobre sites de namoro na Internet*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- COSTA, Rogério. (2005). “Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva”. *Interface*, v.9, n. 17, p. 235-48.
- FLÜGEL, John Carl. (1966). *A psicologia das roupas*. São Paulo: Mestre Jou.
- GOFFMAN, Erving. (2009). *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- GOLDEMBERG, Mirian. (2007). *Nu & vestido*. Rio de Janeiro: Record.
- HALL, Stuart. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. (2005). “Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo”. *Psicologia e Sociedade*, v. 17, n. 2, p. 50-57.
- SCHUCH, Patrice. (1998). *Carícias, olhares e palavras: uma etnografia sobre o “ficar” entre jovens universitários de Porto Alegre/RS*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- SMADJA, Eric. (2011). *Revista Psique Ciência & Vida*, ano VI, n. 72, p. 07.
- VEJA ON-LINE. *Capitais da solidão: pesquisa mostra quais são as cidades brasileiras com maior número de mulheres sozinhas*. Ed. 1902, 27 abr. 2005. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/270405/p_126.html>. Acesso em: 10 abr. 2010.